



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

ALEX DA SILVA CHAVES LEAL

**CRISE DO TEMPO E O FUTURO EM *KENTUKIS* (2018) DE SAMANTA
SCHWEBLIN**

**Jaguarão
2025**

ALEX DA SILVA CHAVES LEAL

Crise do tempo e o futuro em *Kentukis* (2018) de Samanta Schweblin

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em História.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Renata Dal Sasso Freitas

**Jaguarão
2025**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

L436c Leal, Alex da Silva Chaves

Crise do tempo e o futuro em Kentukis (2018) de Samanta
Schweblin / Alex da Silva Chaves Leal.

44 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade
Federal do Pampa, HISTÓRIA, 2025.

"Orientação: Renata Dal Sasso Freitas ".

1. História . 2. Ficção literária . 3. Tempo. 4. Era
digital . 5. Kentukis . I. Título.

ALEX DA SILVA CHAVES LEAL

CONCEITOS DE TEMPO E FUTURO EM *KENTUKIS* (2018) DE SAMANTA SCHWEBLIN

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em História.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 10 dez. 2025.

Banca examinadora:

Prof^ª. Dr^ª. Renata Dal Sasso Freitas
Orientadora
(UNIPAMPA)

Prof^ª. Dr^ª. Vera Maria Guimarães
(UNIPAMPA)

Prof. Dr. André Correia da Silva de Araújo
(PPGCOM-UFRGS)

Dedico este trabalho a minha versão criança.

AGRADECIMENTOS

Meus pais sempre dizem que fé é aquilo que não vejo, mas acredito que seja real. Este trabalho é o resultado de muita, mas muita fé. Por isso gostaria de agradecer às pessoas que tiveram fé junto comigo.

Primeiramente agradeço à minha orientadora Renata Dal Sasso Freitas, que acreditou em minha pesquisa quando era apenas uma abstração dela. Também faço um agradecimento especial aos professores André Araújo e Vera Maria Guimarães, por lerem meu trabalho com atenção e carinho, contribuindo profundamente para minha pesquisa.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por me conceder o privilégio de ser bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) durante grande parte da minha formação, sem o qual esse trabalho não teria sido possível.

À Adriana Chaves e Márcio Chaves por me trazerem ao mundo e me apoiarem desde então.

Às Marias, Maria Regina Chaves (*in memoriam*) e Maria Marins, minhas queridas avós, que trago já representando toda a minha imensa família.

A João Vitor Porto por estar comigo todos os dias e me ouvir falar por incontáveis horas sobre este trabalho.

À Isabella Oliveira e Mateus Oliveira por me darem o melhor presente de formatura, minha sobrinha Alice Oliveira.

À Rozane Garcia, Mauricio Prates, Emir Garcia, Eni Garcia, Ivonete Jodar, Eduardo Moraes, Márcio Porto e Maria Luiza Porciuncula por se tornarem minha segunda família em Jaguarão.

À minha querida amiga Fernanda dos Santos por ter crescido comigo, me incentivando e acompanhando desde o início.

Aos meus colegas de formatura Natália Costa, Ariane Andrade, Leonardo Correa e Gabriel Bezerra, por carregarem as dores do último semestre junto comigo.

Aqueles que vieram antes de mim e me ajudaram de alguma forma, meus veteranos Gabriel Solimeno, Isadora da Cunha, Mateus Teixeira, Hérica Caetano, Mayara Souto, Lorryne Abreu, Maria Alcina e Angelo Quevedo.

Àqueles que vieram depois de mim e me deram força ao longo dos últimos semestres, meus calouros, Kailany Foster, Nathaniele Pinto, Letícia Santos, Theodoro Gallo, João Gabriel Garcia, Angelita Nunes, Helen Borges, Cristiano Rosa, Juliana Ortiz, Maicon de Souza, Verônica de Armas, Alexandro Rodrigues Junior, Luiz Gustavo Kiesow e Luiz Carlos Passos.

Aos meus professores Edison Cruxen, Letícia Ferreira, Débora de Paula, Cristiano Soria, Fernanda Nascimento, Ginter Leipnitz, Rafael Campos, Vagner Cunha, Everton de Oliveira, Jonatas Caratti, Marcio Friedrich, Giane Vargas, Claudia Perez e Luciana Jardim, por cada aula, cada conselho, cada correção.

Aos profissionais terceirizados e técnicos Miraci Pacheco, Ana Cristina Gonçalves, Tatiane Ussandizaga, Estela Passos, Elisabeth Soares, Silvio Nunes, Cristiane Ricordi, Kauana Amaral e Jucenir da Rocha por serem oásis para todos os estudantes.

Aos professores Dário Milech e Kênya Paiva por me transmitirem seus aprendizados na educação básica.

À Maríilha Pacheco, Vilson Medeiros e Alfredo de Paiva por me receberem na Biblioteca Pública Municipal Oscar Furtado de Azambuja de Jaguarão para o Estágio Supervisionado III, me auxiliando durante todo o período.

À doutora Carolina Vasconcellos e Josy Ellerbrock por me guiarem de volta a mim mesmo.

“Quando eu morrer, vou assim:
Sustendo meu coração...
Saudade da terra? Sim!
Saudade da vida? Não!

Segue o ideal que te aquece,
serve ao bem, seja onde for;
trabalho que permanece
é o que se faz por amor”

Auta de Souza

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo pensar uma interseccionalidade entre História e Ficção através do romance *Kentukis* (2018), escrito pela romancista argentina Samanta Schweblin. Ao interrogarmos essa obra, fazemos o exercício de responder a pergunta: o que a forma como nos relacionamos na era digital revela sobre as relações que estamos construindo como sociedade, enquanto sujeitos históricos, isto é, determinados temporalmente? Para isso, nos baseamos nas leituras de Linda Hutcheon (1988), que explica a importância da intersecção entre História e Literatura; de François Hartog (2003) que debate a importância de pensarmos o tempo como uma continuação, um processo único entre passado, presente e futuro, nos alertando para possíveis ruídos; e de Zóltan Simon (2019), que nos apresenta que não há nada no passado, que possa explicar esses ruídos. A partir disso, alcançamos a noção de que, com a era digital, está sendo gerado um processo de adaptação que influencia não apenas, dentro de algum endereço eletrônico, mas também, todo o nosso cotidiano, mesmo quando nos encontramos *offline*. Logo, concluímos que refletir sobre nossa relação com o tempo, especificamente o que esperamos do futuro, é compreender como esses processos nos influenciam cotidianamente.

Palavras-Chave: História; Ficção literária; tempo; era digital; *Kentukis*.

ABSTRACT

This work aims to think about an intersectionality between History and Fiction through the novel *Kentukis* (2018) written by Argentine novelist Samanta Schweblin. Interrogating this reference book, we attempt to answer the question: what makes the way we engage in the digital era reflect on the relationships that we build as society whilst historic beings meaning we are temporally determined? In order to do so, we used as a source Linda Hutcheon's (1988) reads, that explain the importance of History and Literature intersectionality; François Hartog (2003) discuss the significance of reflection about time as a continuity in a single process that connects past present and future warning us for possibles commotions; and Zóltan Simon (2019) presents that there is nothing in the past that can actually explain those commotions. For that matter, we have reached the notion that the digital era is provoking an adaptation process that influences not only inside some web address, but in an overwhelming way even when we are offline. Therefore, reflecting about our relationship with temporal dimensions, specifically the future prospects, is to acknowledge how those processes interfere on a daily basis.

Keywords: History; Literary fiction; time; digital era; Kentukis.

SUMÁRIO

I. INTRODUÇÃO.....	11
II. CAPÍTULO 1: UMA QUESTÃO DO TEMPO PRESENTE.....	17
1.1 O Conceito de presentismo de Hartog.....	21
1.2 Um momento sem precedentes para Simon.....	23
1.3 A metaficção historiográfica de Linda Hutcheon.....	26
III. CAPÍTULO 2: UMA RUPTURA NO TEMPO.....	29
2.1 A era digital.....	31
2.2 O futuro em Kentukis.....	37
IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS.....	43

I. INTRODUÇÃO

“Estava tão rígida que sentia seu corpo ranger, e pela primeira vez se perguntou, com um medo que quase podia quebrá-la, se estava de pé sobre um mundo do qual realmente se podia escapar” (Schweblin, 2021, p. 2013). É com essa afirmação que o narrador de Samanta Schweblin termina seu romance *Kentukis*, publicado originalmente em 2018. O narrador nos faz sentir exatamente como sua personagem Alina: com medo. Depois de nos passar, respectivamente, curiosidade, alegria, excitação, apreensão, ele termina sua narrativa nos aterrorizando de medo e com muitas reflexões ao fechar o livro. A dúvida que paira no ar enquanto o lemos se traduz muitas vezes em: e se isso realmente acontecesse conosco? Será possível reverter nossos tão incríveis avanços tecnológicos se perdemos o controle sobre eles? Até onde confiamos em nossos aparelhos digitais e na internet que nos conectamos? E ainda, como isso se assemelha a nossa sociedade e o que isso diz sobre ela? E sobre nós, que habitamos nela?

Todas essas questões nos motivaram a ir além e olhar *Kentukis* de uma perspectiva historiográfica, baseando-nos principalmente no arcabouço teórico formulado pelos historiadores François Hartog e Zoltan Simon, tomando emprestado outros olhares, como dos historiadores Reinhart Koselleck, Mateus Pereira e Valdeci Araujo, o filósofo Jean-François Lyotard, entre outros, de modo a trazer para o campo da História essas questões tão eminentes em nossa sociedade pós-moderna.

Samanta Schweblin (1978), romancista e cronista argentina radicada na Alemanha, insere-se em um contexto que Sara Beatriz Guardia caracteriza como um “[...] *boom* da literatura escrita por mulheres na América Latina [...]”, com a publicação crescente de literatura feminina em língua espanhola (Guardia, 2013, p. 33). Notabilizam-se, neste contexto, autoras como a chilena/norte-americana Isabel Allende (1942-), as mexicanas Ángeles Mastretta (1949-), Laura Esquivel (1950-) e Fernanda Melchor (1982-), a chilena Marcela Serrano (1951-), a colombiana Pilar Quintana (1972-); as equatorianas María Fernanda Ampuero (1976-) e Mónica Ojeda (1988), a boliviana Giovanna Rivero (1972-), e a argentina Mariana Enriquez (1973-), entre outras. Em suas obras, essas autoras trabalham diversos assuntos que se conectam, direta ou indiretamente, ao contexto de seus países, principalmente ao cotidiano, por um viés mais ligado ao terror e ao fantástico (Torres, 2021).

Tendo isso em vista, podemos destacar entre as principais obras da autora sua coletânea de contos *Pássaros na boca* (2009) e o romance *Distância de resgate* (2014). Desde

2001, a autora vem se destacando por seus livros, recebendo diversos prêmios como o *National Book Award* pela versão em inglês de seu livro *Siete casas vacias* (2015). Seu último romance, *Kentukis* (2018), foi traduzido para o inglês em 2020, sendo semifinalista do *International Booker Prize*.

A premissa de *Kentukis* é a existência de um tipo de robô, ou melhor, “um cruzamento de bicho de pelúcia articulado com um celular” (Schweblin, 2021, p. 25), que pode ser comprado na forma de diferentes animais. Seus usuários podem *ser* um Kentuki e conseguirem um amo ao comprarem um código de conexão, conectando-o a um tablet ou computador; ou podem *ter* um Kentuki e serem o amo de alguém. As conexões são feitas de forma aleatória, isto é, não podem ser escolhidas e, por isso, são totalmente anônimas. Uma vez que o boneco fica sem bateria ou sofre algum tipo de dano em seu sistema, não pode ser restaurado e se desconecta definitivamente. Somando-se a isso, não é possível se comunicar com o pequeno robô, pois ele só consegue emitir ruídos como pequenos chiados, possuindo apenas uma câmera e um microfone. Assim, o amo pode ser visto e ouvido, mas o Kentuki não, mantendo a identidade de quem está por trás do aparelho desconhecida.

Como um romance de ficção científica que desmistifica algumas questões de forma oblíqua, *Kentukis* pode ser interpretado de múltiplas formas, mas é provável que a autora faz alusão à forma como nos relacionamos com a internet e aos espaços de comunicação que têm se esboçado virtualmente, desde o final dos anos 1990, o que passa pela construção de sua narrativa e a organização dos capítulos. Para as autoras Fernanda Correia e Giovanna Dores, até mesmo a estrutura do romance “acompanha a lógica de um *feed* de rede social” (Correia & Dores, 2023, p. 94).

Isso se manifesta no fato de que o livro está concebido de forma despadronizada, pois é dividido em diversas subtramas, onde algumas possuem continuidade e outras não. Ademais, os capítulos não possuem necessariamente um início e um fim explícito, como se chegássemos na sala e alguém estivesse vendo um filme e precisamos nos esforçar para entender como foi que a narrativa se desenrolou até aquele momento. Muitas vezes, no meio de um acontecimento, a cena simplesmente se finaliza, deixando-nos uma sensação de incompletude, como se alguém tivesse trocado de canal da televisão no momento do *plot twist* (reviravolta) de um filme de ação. Dessa forma, as histórias não possuem uma continuidade no próximo capítulo, apenas retornam de forma inesperada e não necessariamente do mesmo ponto em que a autora parou da última vez. De fato, é como se estivéssemos em um *feed* (fluxo de conteúdos) vendo diversas informações completamente diferentes e aparentemente, sem um aprofundamento real em nenhuma delas.

Contudo, algumas histórias são retomadas e gradualmente constroem um fio de conexão em que os leitores conseguem não apenas entender a narrativa, contudo compreender o contexto e toda a trama por trás desses personagens. Entre eles podemos destacar as histórias de Enzo e seu filho Luca; de Alina e seu companheiro Sven; do jovem Marvin, da senhora Emília e de Grigor e sua vizinha Nikolina.

Todos eles, no entanto, possuem algo em comum: projetam no Kentuki a possibilidade de ter uma vida diferente da sua. Isso pode ser visto até mesmo no caso de Grigor, que não constrói laços através de seus Kentukis, mas procura no pequeno robô uma forma de obter dinheiro, assim como uma forma de fuga de sua realidade. Já, para os outros personagens, podemos perceber que existe algo mágico em performar uma vida que não é a sua própria, de se relacionar com pessoas que eles não se relacionam na vida real, em conhecer lugares sem sair do lugar, em ver coisas incríveis em tempo real, mesmo que seja através de uma tela. Simplesmente porque as sensações que são despertadas por essa experiência são reais, impactando-os profundamente como se estivessem autenticamente vivenciando aquilo.

No nosso cotidiano, que alguns teóricos denominam pós-moderno, estamos experienciando um mundo cada vez mais acelerado, onde as informações se espalham em questões de segundos no mundo todo, e pessoas saem do anonimato para serem reconhecidas na rua apenas por um vídeo nas redes sociais. Novas formas de se relacionar surgem, enterrando a era das cartas e cartões postais — até mesmo o uso tradicional do telefone. Na contemporaneidade, podemos nos conectar com alguém do outro lado do mundo utilizando apenas um aparelho e conseguimos monetizar nossa própria imagem ao ponto de passarmos horas e horas nos filmando fazendo coisas do “cotidiano” como cozinhar, cuidar de uma planta, costurar, ir à academia, brincar com nossos filhos. Do outro lado da tela, esse conteúdo pode ser disponibilizado e monetizado para, literalmente, qualquer pessoa que tenha acesso à internet por algum aparelho.

Isso diz muito sobre o período da história que estamos vivendo, pois essas transformações são muito simbólicas das últimas décadas, apesar de possuir origens em meados do século XX (Lyotard, 1979). A partir dessa perspectiva, nos interessa pensar nesse período — ainda tão recente e ainda tão concebido como parte da idade contemporânea por grande parte dos historiadores — como um momento de ruptura onde se inicia um novo fluxo de processos históricos, que ainda estamos construindo uma conceituação na historiografia moderna. O que absolutamente não significa, que futuramente os conceitos que estamos trabalhando não possam ser revisitados e alterados.

Salientamos essa questão, pois a história enquanto construção de uma realidade acessível objetivamente, ainda é discutida entre os historiadores na contemporaneidade. Muitos pesquisadores continuam concebendo a disciplina com certa inflexibilidade, e embora não rejeitem a subjetividade do historiador, ainda resistem em admitir as interseccionalidades entre a história e a escrita literária. Nesse projeto, entendemos que a historiografia sempre foi permeada por parcialidade, mesmo no século XIX, quando havia uma defesa mais intensa de seu caráter imparcial. Consideramos aqui, que historiadores fazem escolhas constantemente em suas narrativas, inclusive pela linearidade temporal de seus relatos, e são transpassados consciente ou inconscientemente por seus respectivos lugares sociais (Certeau, 2010), do qual originam e nunca podem se dissociar completamente.

Sendo assim, entendemos que a visão que separa a história como puramente factual, e o romance como puramente ficcional é apenas uma das formas que encontrou dentro dos marcos da cientificidade — herdada da historiografia do século XIX — de gerar credibilidade à primeira. É importante apontar que, ao longo século XX, passou-se a considerar que a subjetividade da disciplina não anula sua cientificidade, apenas denota que é produzida por “homens no tempo” (Bloch, 2001, p. 55), assim como todas as formas de ciência, produzida por seres sociais que influenciam e são influenciados dentro de uma sociedade, e não podem escapar desse constante influxo.

Assim, no marco deste trabalho, optamos aqui, por trabalhar pela via da interseccionalidade entre história e literatura,

[...] não apenas por ambos terem surgido como gêneros literários na Antiguidade, mas também pelo fato de que as transformações através das quais ambos passaram ao longo dos séculos até atingir suas formas atuais são um reflexo da relação que homens e mulheres no ocidente estabeleceram com o tempo, no que Hartog chama de regime de historicidade (Freitas, 2020, p. 227).

De mesmo modo,

[...] porque o uso da literatura, em suas diferentes formas e expressões, permite ao historiador acessar dimensões do passado nem sempre possíveis de serem visitadas e interpretadas por intermédio de outras fontes, notadamente aquelas de caráter mais oficial. Produtores de sentido, além de representações do real, os textos literários possibilitam, do presente, aprofundar as leituras de uma realidade pretérita latente. Ao captar e significar sensibilidades, costumes e hábitos não facilmente visíveis, eles autorizam uma aproximação com "realidades efetivamente vividas", com modos de ver e sentir que, não raro, **escapam a outras formas de discurso** (Gruner & Denipot, 2008, p. 12, grifos nossos).

Em relação ao romance utilizado, seu estudo na história possui relevância não por apreciar o passado, tal qual um romance histórico, mas sim imaginar um futuro. Para fins deste trabalho, consideramos que *Kentukis* representa nossa relação com ele, os potenciais de

esperança e desilusão que construímos, o que se reflete igualmente, na forma como enxergamos e lidamos com nosso passado.

Com a Revolução Francesa e a manifestação dos ideais iluministas de liberdade, igualdade e fraternidade, intensifica a circulação das ideias de cidadania, progresso e principalmente, a sensação de aceleração do tempo. Durante o oitocentos, estabeleceu-se uma perspectiva de que havia a perspectiva de um futuro melhor, marcado sobretudo pelo desenvolvimento tecnológico e de que a luta social, através do pensamento filosófico liberal, ou de seus opositores, assim como o desenvolvimento econômico, não seriam triviais. Tanto a revolução, quanto a ciência, potencialmente geraram transformações que culminaram no senso comum, ainda presente, de que devemos esperar mais do amanhã, do que do ontem.

No entanto, com o advento das duas grandes guerras mundiais, nas primeiras décadas do século XX, o mundo pôde assistir a utilização da tecnologia como ferramenta de morte e a industrialização dos métodos de execução, com a criação de armas químicas, dos campos de extermínio e da bomba atômica. Surge então, a partir da década de 1970, o diagnóstico que autores como Jean-François Lyotard e Gilles Lipovetsky chamaram de condição pós-moderna ou hipermodernidade, respectivamente (Lyotard, 1979; Lipovetsky, 2004). Entre outras características, a pós-modernidade seria marcada por um grande desapontamento em relação aos avanços tecnológicos e a produção de conhecimentos científicos, em geral. Podemos entender que essa preocupação é retratada por Schweblin, em sua narrativa, quando mostra que um simples animal de pelúcia carregando uma câmera pode, por exemplo, tornar-se uma ferramenta de perversidade.

Salientamos que *Kentukis* abriga em certa medida, um aspecto de terror, pois todos os seus cinco enredos, melhor explorados, terminam de forma trágica, gerando no leitor um sentimento de aflição, medo e horror referentes ao gênero. Ao mesmo tempo, sua escrita gera grande identificação pela utilização de elementos como personagens comuns com vidas monótonas, lidando com questões pouco surpreendentes. Schweblin traz um objeto não existente na vida real, o Kentuki, mas que poderia facilmente ser criado em um futuro próximo.

As histórias que dão estrutura ao romance vão sendo desenvolvidas ao longo das páginas de forma muito sutil, esboçando esses enredos triviais supracitados. Contudo, gradualmente a narrativa vai se tornando cada vez mais aterrorizante como uma versão maximizada das narrativas introduzidas no início do livro. É quase como se Schweblin nos avisasse que nossa relação habitual com a internet pode se tornar perigosa, ou podemos perder o controle de como nos relacionamos com ela, muito facilmente.

As perguntas que norteiam esse trabalho são relativas a como isso impacta, não somente nossas relações pessoais, mas também, nossa relação com o tempo e com a comunidade imaginada que caracterizou a nação moderna, amparada pela história como disciplina. Podemos nos perguntar, como muitos se fazem, se existem limites para a auto-exposição e quais os perigos por trás de se passar tanto tempo socializando através de um aparelho, assim como, mais importante para os objetivos deste trabalho, *o que isso revela sobre as relações que estamos construindo como sociedade, enquanto sujeitos históricos, ou seja, determinados temporalmente?*

Além disso, nos interrogamos se estamos vivendo um momento de mudança sem precedentes ou, apenas meras transformações geradas pela nossas relações em sociedade, ao longo do tempo, e que podem ser explicadas por processos anteriores?

Dessa forma, temos o objetivo de, no primeiro capítulo, contextualizar a ficção contemporânea latinoamericana e sua relação com a temporalidade, isto é, com os conceitos de passado, presente e futuro. Em seguida, no segundo capítulo, pretendemos fazer uma análise, isto é, historicizar as redes sociais para compreender de que forma elas são representadas, como um futuro-presente no romance *Kentukis*, juntamente com um olhar pormenorizado do romance como uma representação do futuro e de como se configura o tempo nas relações contemporâneas.

II. CAPÍTULO 1: UMA QUESTÃO DO TEMPO PRESENTE

Neste primeiro capítulo iremos elucidar como o livro de Samanta Schweblin se insere em um processo de maior visibilidade da literatura latinoamericana, especificamente aquela escrita por mulheres e como as questões trabalhadas por essas autoras possuem um denominador comum. Buscaremos ressaltar a relação desse processo com a utilização do conceito de temporalidade, que Schweblin trabalha em seu livro *Kentukis*. Para isso, como já pontuamos, utilizamos como referenciais teóricos os conceitos desenvolvidos por François Hartog, Zoltan Simon e Linda Hutcheon.

Além disso, um ponto já um tanto imaginável, mas importante de ser explicado, é que estamos trabalhando com muitas generalizações, tanto em uma perspectiva presentista quanto na de mudanças sem precedentes. Podemos afirmar que no século XXI há uma preocupação maior em relação ao futuro? Sim. Dados de um estudo etnográfico sobre sofrimento mental, no Brasil, ressalta que: “Os pais entrevistados são unânimes em afirmar que o dia a dia com seus filhos não é fácil, por diversos fatores, mas a incerteza do futuro de seus filhos os deixam temerosos. O medo do futuro é uma constante” (Reinaldo; Pereira; Oliveira; Henriques, 2018, p. 2367). E como sociedade ocidental vivendo um período de grandes transformações, isso significa que todos somos atingidos de forma isonômica por essas preocupações? Não. Justamente por isso, introduzimos o tema falando de mulheres na América Latina nas últimas três décadas.

A questão importante é que, de modo geral, observamos esse comportamento em diferentes categorias, e com cada vez mais frequência na mídia. Em 2010, o teólogo e escritor brasileiro Leonardo Boff lançou o livro *Cuidar da terra, proteger a vida: como evitar o fim do mundo*; em 2019 o escritor indigenista Ailton Krenak pública *Ideias para adiar o fim do mundo*, já em um contexto pandêmico. Fora do nosso recorte ainda poderíamos citar o filme *Matrix* (1999), a série *Black Mirror* (2011), entre outros.

Como afirmamos anteriormente, *Kentukis* é um romance que representa um futuro em potencial, pois atualmente não existe nenhum objeto com as características idênticas ao de um kentuki. Porém, a relação que os personagens constroem com ele faz grande alusão com a nossa relação com a internet e as redes de sociabilidade que são acessadas através dela, como podemos observar analisando o enredo dos personagens mais citados ao longo do livro.

Aliás, a própria forma como a autora constrói o livro de forma fragmentada, onde algumas tramas são retomadas, enquanto outras, apenas lemos uma vinheta solta de um

enredo que nunca será nem iniciado, nem concluído de forma objetiva, a sensação de aleatoriedade, rapidez e superficialidade que pode ser encontrada em uma rede social, cujo formato, obriga a limitação de caracteres. Alguns personagens nem descobriremos de fato quem são, tamanha a dinâmica breve e pouco aprofundada de suas histórias. Enquanto isso, escolhemos cinco dos múltiplos personagens mencionados na obra, cujas histórias possuem início, meio e fim e são perfeitamente costuradas ao longo do livro, misturados com esses outros textos curtos, que terminam sem aprofundamento. São esses Enzo, Alina, Grigor, Emília e Marvin.

Enzo é amo de um Kentuki apelidado de “*Mister*”. Após um acordo com sua ex-esposa, o Kentuki é comprado inicialmente para que seu filho Luca tenha uma espécie de animal de estimação para brincar e se conectar após o divórcio do casal. Porém, a criança acaba não se interessando muito pelo objeto, que passa a ser utilizado mais por Enzo, que o carrega e interage com o Kentuki diariamente. Enzo se apega tanto a pelúcia sobre rodas que faz diversas tentativas de se comunicar com ele, mostrando até mesmo seu número de telefone para que o desconhecido pudesse telefonar. Contudo, após reportagens denunciando pedófilos que utilizam do bichinho para se aproximarem de crianças anonimamente, sua ex-esposa solicita que o Kentuki seja retirado da casa por uma questão de segurança. Enzo não acredita que a pessoa por trás de Mister seja alguém perigoso e então ignora a solicitação.

Alina, por sua vez, é a ama de um Kentuki que chama de “Coronel Sanders”. É uma mulher solitária que deixou sua cidade natal e sua família para acompanhar seu companheiro Sven em seu trabalho de professor e artista. Nesse novo local, Alina busca formas de se ocupar e se divertir enquanto seu companheiro está trabalhando. Assim, ela compra um Kentuki despreziosamente, porém o cenário se transforma completamente quando seu companheiro decide utilizar o “Coronel Sanders” para seu trabalho com Kentukis, em seu ateliê de arte.

Marvin é um menino que compra um kentuki, que batiza de “*Snow Dragon*”. É um garoto jovem e com problemas na escola, que perdeu a mãe e é criado pelo pai e se sente frequentemente sozinho e que tem o sonho de ver a neve. Enquanto finge para seu pai que está estudando para melhorar suas notas na escola, o garoto passa horas no tablet brincando com seu Kentuki. Utilizando o dinheiro que está na conta de sua falecida mãe, o menino faz diversas tentativas de se locomover com “*Snow Dragon*”, com o objetivo de fazê-lo encostar na neve. Inicialmente preso na vitrine de uma loja, Marvin consegue se comunicar com a mulher do dono da loja por código morse e ganha a confiança de sua possível ama para deixá-lo sair para passear pela cidade. Contudo, depois de ser sequestrado por um menino na

rua, Marvin descobre um clube de Kentukis “libertos” de seus amos e passa a fazer parte do grupo.

Emília é a Kentuki de Eva, pois ganha a pelúcia do seu filho que mora em outro continente, mas ao longo da história também se torna ama do seu próprio Kentuki. É uma senhora carente e solitária que enxerga no presente uma forma de reaproximação com seu filho, no qual não possui muita afinidade. Porém, Emilia gradualmente gera um carinho por sua ama Eva, que a trata como um animal de estimação, de verdade. Porém, quando Eva começa a se relacionar com Klaus, Emilia sente uma grande desconfiança de que ele não seja uma boa pessoa, mas alguém perigoso e que pode fazer mal a sua ama. Então, após descobrir que Klaus é uma figura pública, ela entra em contato com ele, revelando sua identidade e se expondo a uma realidade que antes se restringia apenas a visão de uma câmera alojada em seu kentuki e transmitida para o seu computador.

Grigor é um homem que mora com seu pai e vende códigos de conexão de Kentukis, que são baixados em diferentes tablets, pois a conexão Kentuki não pode ser restaurada, reaproveitada, ou transferida. Grigor faz uma catalogação das redes de acordo com a região, idade, idioma, e outras características específicas de cada amo; assim, esses dados são divulgados na internet junto com algumas fotos, para as pessoas que querem saber previamente quem será seu amo se interessarem e comprarem. Essa prática não é regulamentada, porém não existe nenhum tipo de legislação específica sobre o ramo de Kentukis que a torne-a, de fato, ilegal.

Todos esses personagens possuem contextos sociais e geográficos diferentes, e apesar de suas idades não serem explicitadas pela autora, podemos imaginar que Marvin seja um adolescente e Emília uma mulher mais experiente. Luca é uma criança e os outros personagens são adultos. Cada um deles vive em cidades e inclusive continentes diferentes. Assim, a narrativa criada por Schweblin nos faz refletir sobre como enxergamos o futuro, em diferentes lugares de maneiras parecidas, nas quais as expectativas que temos para o amanhã, são marcadas por uma visão pessimista.

Para analisar o romance, trabalharemos o conceito de “*presentismo*” com François Hartog e “*times of unprecedented change*” com Zoltán Simon, bem como recorrendo a perspectiva de “*metaficção historiográfica*” de Linda Hutcheon, para nos auxiliar.

Classificamos o tempo constantemente quando estudamos história, dividimos-a em História Antiga, História Medieval, História Moderna e História Contemporânea, e elencamos determinados séculos para cada uma dessas áreas. No entanto, o tempo não é uma ferramenta autônoma, como defende Rodrigo Turin, quando afirma que “o tempo não é uma parte isolada

do pensamento. Nunca se desnuda” (2016, p. 598). Trata-se de como percebemos e lidamos com as mudanças constantes que nos cercam, entendendo que os acontecimentos neste momento precedem um evento e sucedem a outro, o que chamamos de passado, presente e futuro. Além disso, o tempo é uma das ferramentas de referência para podermos nos guiar social e individualmente. A maneira que escolhemos de contabilizar isso, é utilizando os elementos naturais como o movimento de translação e rotação da terra para demarcarmos a passagem de dias e anos, mas essa escolha também é uma manifestação cultural. O fato é que não se pode estudar o tempo sem entender os sujeitos que se relacionam com ele, que dão sentido para a própria noção do que é o tempo.

Para Karl Löwith (1957), a história é a versão secular da escatologia cristã. Invariavelmente, segundo Reinhart Koselleck, tanto na história sacra, quanto na história humana se acreditava que o futuro poderia ser previsto por ser apenas uma repetição do passado, isto é “*Sub specie aeternitas* nada de fundamentalmente novo pode acontecer, seja o futuro perscrutado com a reserva do crente ou com o prosaísmo do calculista” (Koselleck , 2006, p. 35).

De acordo com o autor, para os cristãos do século XVI, o futuro estava totalmente dado como certo, pois o fim seria simplesmente o retorno ao início dos tempos, pois Deus criou tudo e todos e a Ele retornará tudo e todos, os que forem julgados e aprovados permanecerão para sempre ao seu lado. Como está escrito no Novo Testamento: “E eis que venho sem demora, e comigo está o galardão que tenho para retribuir a cada um segundo as suas obras. Eu sou o Alfa e o Ômega, o Primeiro e o Último, o Princípio e o Fim” (Bíblia, Apocalipse 22:12-13, p. 1320). Nada mais importa, pois no futuro estaremos com Cristo. O passado, o presente, isto é, tudo que foi e tudo que há, desaparecerá e perderá completamente o sentido quando chegarmos na eternidade celestial. Então tudo que fizemos, fazemos e ainda faremos está determinado por um objetivo que está localizado em um futuro desconhecido. Não se sabe quando é, talvez amanhã ou daqui a duzentos anos, mas ele irá acontecer, e aqueles que tiverem dedicado suas vidas a esse momento, serão recompensados e chamados de filhos de Deus. Dessa forma, o regime cristão promove uma relação com o tempo muito fortalecida pela valorização do futuro, em detrimento do presente. Um tempo que caminha em direção ao progresso, ou talvez, ao declínio, dependendo das suas próprias obras. Entretanto, para aqueles que morrerem para a vida terrena, e cumprirem os mandamentos divinos, certamente o futuro trará apenas coisas positivas, reforçando a ideia de que o futuro será melhor.

A partir do século XVII, a visão de futuro torna-se baseada em previsões racionais, principalmente no campo político, que se utilizam de astrologia e da matemática para a legitimação do Estado (Koselleck, 2006, p. 28). Ainda assim, neste período, quando se olhava para o futuro apenas havia projeções desenhadas pelas manifestações políticas do passado. Se inspiravam nas vitórias gloriosas de antigos imperadores e tentavam replicar seus grandes feitos. A partir do surgimento da ideia de progresso, pela via da filosofia política e, acompanhada dos eventos políticos que culminaram com a Revolução Francesa, se rompe com essa concepção, pois dá abertura para um futuro incerto, repleto de novas possibilidades, inaugurando uma nova forma de se lidar com o tempo, e marcando o início de uma nova era. De acordo com o autor, “O futuro desse progresso é caracterizado por dois momentos: por um lado, pela aceleração com que se põe à nossa frente; por outro lado, pelo seu caráter desconhecido (Koselleck, 2006, p. 36).

1.1 O Conceito de presentismo de Hartog

“Sem futuro e sem passado, ele produz diariamente o passado e o futuro de que sempre precisa, um dia após o outro, e valoriza o imediato” (Hartog, 2013, p. 148). Para o historiador francês, hoje em dia nossa relação com o tempo pode ser caracterizada com o que se denomina “presentismo”. Trata-se de um complexo conceito, que pode ser entendido como a experiência contemporânea de um presente perpétuo, inacessível e quase imóvel que busca, apesar de tudo, produzir para si mesmo o seu próprio tempo histórico. De modo que a produção do tempo histórico parece estar suspensa (Hartog, 2013 p. 39). Então, entramos em um movimento impossível para capturá-lo e cristalizá-lo, pois o presente só é magnífico pela sua finitude. Mas estamos sempre atrasados para ele, quando percebemos, o presente já passou, não existe mais.

Longe de ser uniforme e unívoco, este presente presentista é vivenciado de forma muito diferente conforme o lugar ocupado na sociedade. De um lado, um tempo dos fluxos, da aceleração e uma mobilidade valorizada e valorizante; do outro, aquilo que Robert Castel chamou de précariedade, isto é, a **permanência do transitório**, um presente em plena desaceleração, sem passado - senão de um modo complicado (mais ainda para os imigrantes, os exilados, os deslocados), e sem futuro real tampouco (o tempo do projeto não está aberto para eles) . **O presentismo pode, assim, ser um horizonte aberto ou fechado: aberto para cada vez mais aceleração e mobilidade, fechado para uma sobrevivência diária e um presente estagnante.** A isso, deve-se ainda acrescentar outra dimensão de nosso presente: a do futuro percebido, não mais como promessa, mas como ameaça; sob a forma de catástrofes, de um tempo de catástrofes que nós mesmos provocamos (Hartog, 2013, p. 14-15, grifo nosso).

Como salienta o autor, o conceito de presentismo se reflete na noção de que nesse momento olhamos para o futuro e pensamos nele com certo ceticismo ou até mesmo medo e preocupação. Nos apressamos para cuidar do planeta que tem vivido um aquecimento global, e dos avanços tecnológicos que podem ser usados para criar ferramentas fatais, bem como nos questionando que tipo de mundo estamos deixando para as futuras gerações, e como podemos evitar esse caminho de autodestruição que possivelmente estamos trilhando. Quase como se os humanos do futuro nos enviassem sinais de que não é bem o progresso que iremos encontrar. Para o intelectual francês, “se há ainda uma lição da história, ela vem do futuro e não mais do passado” (Hartog, 2013, p. 138). A História se despede da ideia de ciência do passado, pautada pela historiografia do século XIX e grandemente ecoada desde então. Como podemos observar: “A história só nasce para uma época quando ela está inteiramente morta. Assim, o domínio da história é o passado, o presente convém à política e o futuro pertence a Deus” (Thiénot apud J. Hartog, 2013, p. 160).

Concomitantemente ao abandono da ideia de Thiénot, quando de fato olhamos em direção a esse passado, duas perspectivas tendem a se projetar. Por um lado, sentimos repulsa observando os séculos e séculos de escravização sistemática sequenciando os eventos traumáticos do século XX. Como um passado que tampouco se faz passado, nos deixando presos ao presente. E por outro, somos atravessados por uma enorme nostalgia e queremos voltar a cozinhar comidas artesanais e utilizar transportes ecológicos, como a bicicleta. Isto é, nas palavras de Hartog: “Para alguns, o passado se transformou em nostalgia, incumbiu-se do arrependimento do que desapareceu, do *nevermore* efetivo ou, mais ainda, imaginado” (Hartog, p. 230, 2013).

Em síntese, isso significa que há uma desilusão em relação ao futuro, assim como um paradoxo em relação ao passado. Como afirma o autor: “A antiga ordem do tempo se quebra e, uma vez passado o momento tábula rasa, a ordem moderna não sabe ainda muito como se formular” (Hartog, 2013, p. 230). O que não torna o presente algo inerentemente bom, na verdade, a questão é que vivemos uma instabilidade e aceleração tão demasiada que apreende toda a nossa atenção no atual momento, em uma tentativa desesperada de preservação para que nada seja perdido. Esse fenômeno pode ser observado em diferentes aspectos sociais, como surgimento do conceito de patrimônio imaterial nas últimas décadas do século XX, a partir da necessidade de termos uma nova ferramenta para lidar com a crise que se aproxima (Hartog, 2013). Dessa forma, nos voltamos aquilo que é importante para a nossa comunidade, para celebrarmos, preservarmos, e compartilharmos aquilo que foi construído pelos nossos

ancestrais, muitas vezes como uma forma de resistência, para se tornar um legado, etc. Hartog salienta que:

O patrimônio se multiplicou e se descentralizou: 1980, ano do Patrimônio, passou por isso. [...] Ao longo desses anos, a onda patrimonial, em sintonia com a da memória, aumenta cada vez mais até tender a esse limite que seria "todo o patrimônio". Assim como se anunciam ou se reivindicam memórias de tudo, **tudo seria patrimônio ou suscetível de tornar-se**. A mesma inflação parece reinar. A patrimonialização ou museificação venceu, aproximando-se cada vez mais do presente. Foi preciso até estipular, por exemplo, "que nenhuma obra de arquiteto vivo poderia ser considerada legalmente monumento histórico". **Aqui está um indício muito claro, já evocado, deste presente que historiciza a si mesmo.** (Hartog, 2013, p. 223, grifo nosso)

O patrimônio material nos mostra as construções que foram estabelecidas e o imaterial, as pessoas que estabeleceram e os conhecimentos que utilizaram. Não é à toa que essa noção é ampliada na década de 1980, mas justamente pela luta contra o esquecimento em um presente cuja rapidez não oportuniza a formação de lembranças. Por isso, ela se torna artificialmente compulsória - um "presente que historiciza a si mesmo"- pois para que nada seja perdido, tudo pode se tornar patrimônio. Como o autor afirma "[...] um presente onipresente, onipotente, que se impõe como único horizonte possível e que valoriza só o imediatismo" (Hartog, 2013, p. 15).

1.2 Um momento sem precedentes para Simon

Em sua obra, Zoltan Simon critica a inadequação de uma sensibilidade histórica moderna que se apropria do que ele denomina de *narrative domestication* (domesticação narrativa), muito utilizada por White e outros diversos historiadores. O autor aqui se refere a uma narrativa domesticada, isto é, compacta as presentes experiências do século XXI, procurando raízes mais profundas em uma *big picture* (quadro geral), que explica de forma processual os eventos históricos, que utiliza de uma grande margem para explicar aquilo que aparece como novidade no presente. O que ele defende não é que o narrativismo deve ser descartado totalmente, mas que em um momento de mudança sem precedentes, talvez essa não seja uma boa ferramenta. Considerando que Hartog, por exemplo, explica o presentismo como algo que vem se desenvolvendo desde o final da Segunda Guerra Mundial.

Simon tem como ponto central de sua obra o surgimento de uma nova sensibilidade histórica no pós-guerra, que nos estaria levando para um futuro de mudanças sem precedentes. Ao contrário de Hartog, que considera que o passado, presente e futuro estão unidos em um

coletivo singular (2003), relacionando esse conceito com a hipótese presentista, o intelectual húngaro percebe o atual momento tão sem precedentes, que desconecta-o dos processos históricos anteriores. Isto é, ao ser inéditas, essas mudanças contrariam tudo que acreditamos sobre os eventos que se passaram, justamente porque não é uma mudança que envolve apenas os seres humanos, e por isso ela supera a nossa capacidade de entendê-la como algo processual para sequer conseguir historicizá-la. Principalmente em relação ao meio ambiente e a tecnologia.

A questão é que nós não somos capazes de controlar o planeta, e nem temos certeza sobre até onde estamos ou não influenciando suas transformações. Da mesma forma, depois que criamos por exemplo as inteligências artificiais, ou melhor programamos uma codificação que viabilizou seu surgimento, não controlamos mais seu desenvolvimento.

Afinal, como inteligência, elas conseguem se auto-desenvolver a partir das informações que obtém, podendo se complexificar em um nível que ainda não temos certeza se pode ser limitado posteriormente. As chamadas Inteligências Artificiais (IA) são capazes de simular, até certo ponto, o comportamento do cérebro humano através de formar redes neurais artificiais. Segundo Vinicius Machado: “As redes neurais artificiais consistem em um método de solucionar problemas de inteligência artificial, construindo um sistema que tenha circuitos que simulem o cérebro humano, inclusive seu comportamento, ou seja, aprendendo, errando e fazendo descobertas” (Machado, 2021, p. 53). Por isso vivemos e iremos viver em um período sem precedentes, pois as transformações que estamos gerando irão superar os limites do controle humano. Temos, enquanto coletivo, a sensação de não ter a menor noção do que estamos criando e como lidar com suas possíveis consequências.

O que for que aconteça no final, não está mais acessível para a razão humana, e a partir disso, a compreensão humana não está mais envolvida. É exatamente isso que torna essas perspectivas tão perturbadoras em melhor ou catastróficas em pior escala: a inacessibilidade cognitiva das possíveis consequências da ação humana em relação a sua própria insignificância como uma medida contrária às suas próprias capacidades de criação¹ (Simon, 2019, p. 83, tradução livre do inglês).

Onde isso tudo nos levará? Não sabemos de fato. É claro que com novos problemas, virão novas soluções e não é objetivo do autor trazer desespero ou causar uma sensação de impotência, apesar de que isso talvez seja inevitável. Simon não acredita que os avanços

¹ Versão original: Whatever may happen afterwards is no longer accessible for human reasoning, given that it no longer entails human mastery. This is precisely what makes such prospects unsettling at best or catastrophic at worst: the cognitive inaccessibility of the possible consequences of human agency in bringing about its own insignificance as measured against the capacities of its own creations (Simon, 2019, p. 83).

tecnológicos estejam intrinsecamente conectados a um futuro catastrófico, como podemos observar:

Colonizar Marte, tornar a humanidade uma “espécie multiplanetária” como Elon Musk (2017) recentemente idealizou ou ser capaz de curar doenças atualmente incuráveis através de edição de genoma e engenharia genética (Gordijn and Chadwick 2008) provavelmente não são vistas como grandes perspectivas de catástrofes. O ponto é que a tecnologia tem um potencial profundamente ambíguo, se apresentando ao mesmo tempo como uma grande promessa e uma ameaça existencial crítica para a humanidade, como demonstram as discussões recentes sobre inteligência artificial, especialmente após o livro *Superintelligence* (2014) de Nick Bostrom² (Simon, 2019, p. 9).

Talvez Simon não discorde do conceito de presentismo completamente, talvez ele apenas acredite que não existem raízes no passado para o que está acontecendo. Talvez estejamos vivendo uma ruptura tão monstruosa que nenhum outro momento anterior a esse tenha sequer contido vestígios do que estamos vivendo. Afinal, em vinte anos o mundo ocidental entrou em mais transformações, e não só tecnológicas, do que no último século inteiro. As crianças que criamos hoje parecem ser mais desvoltas com certas categorias do que os adultos denominados *millennials*. Certamente elas adeririam com facilidade a ideia de um Kentuki em suas casas, ou de serem um Kentuki na casa de um completo estranho.

Por outro lado, a perda de um esquema pré-definido de completude futura **não significa o desaparecimento das visões de futuro concebidas como viáveis**. O futuro ainda é possível, mas (1) ao invés de estar localizado dentro do domínio político, ele pode ser compreendido como parte dos domínios ecológicos e tecnológicos; (2) a respeito disso, o futuro está sendo concebido dentro da noção de mudança sem precedente; e (3) essa noção de sem precedente se apresenta como a exibição de um personagem pós-histórico, o que não significa que se apresenta como um resultado do desenvolvimento de um processo históricos³ (Simon, 2019, p. 80, grifo nosso, tradução livre do inglês).

Dessa forma, o futuro para Simon não precisa ser salvo (Simon, 2019, p. 80), para ele o futuro está em aberto e trará uma onda de eventos extraordinariamente novos, mas ao contrário do *presentismo* de Hartog, isso não lhe causa apreensão, nem esperança... quem sabe o que o amanhã nos reserva. O futuro não precisa ser salvo, nem defendido. O único

² Versão original: “Colonizing Mars and making humanity a 'multiplanetary species' as recently envisioned by Elon Musk (2017), or being able to cure presently incurable diseases by genome editing and genetic engineering (Gordijn and Chadwick 2008), likely do not come out as overwhelmingly catastrophic prospects. The case is rather that the potential of technology is deeply ambiguous in appearing both as the greatest promise and the most critical existential threat to humanity, as best illustrated by the recent discussions on artificial intelligence, especially following Nick Bostrom's book *Superintelligence* (2014)” (Simon, 2019, p. 9).

³ Versão original: “On the other hand, the loss of the future as the fulfilment of a predefined scheme **does not mean the disappearance of visions of the future that are conceived of as feasible**. The future is still around, but (1) instead of residing in the political domain, it can be found today in the ecological and technological ones; (2) in these domains, the future is conceived of as unprecedented change; and (3) the unprecedented appears as exhibiting a 'posthistorical' character, meaning that it does not appear as the result of a developmental historical process” (Simon, 2019, p. 80, grifo nosso).

ponto que o Simon realmente nos traz é simplesmente que o futuro trará algo novo que não pode ser encontrado no passado nem no presente.

Ambos autores aqui analisados teorizam sobre o novo, ambos se preocupam com o que virá. No entanto, enquanto Hartog nos remete a possibilidade de um fim iminente, Simon parece apontar para a felicidade de um recomeço. Em um mundo sem precedentes, ele comemora a chegada abstrata de algo que nos renovará, que romperá com o que vivemos e estamos acostumados mas não nos destruindo, apenas nos sobrepondo com uma camada brilhante onde sofreremos com questões diferentes das contemporâneas. O novo não é ruim, pelo contrário, ele é clamado e recebido com um oceano de expectativas. Hartog disserta sobre como o mundo está sofrendo com muitas transformações. Simon reflete sobre as grandes transformações que estamos vivendo no mundo! Simon não defende que o futuro será necessariamente ruim ou bom, apenas que não devemos usar ferramentas do passado para explicar o futuro porque ele está em aberto e nós não sabemos o que vai acontecer.

1.3 A metaficção historiográfica de Linda Hutcheon

A intelectual canadense Linda Hutcheon, em *A poética do pós-modernismo*, conceitua o termo metaficção historiográfica como uma articulação entre a ficção e a historiografia, porém mais que isso, um lugar próprio onde ambos os campos se conectam naquilo que se assemelham, e ao mesmo tempo resguardando suas especificidades. Afinal, como Hutcheon (1986) salienta, até as ciências se ramificam no século XIX, a História e a literatura eram vistas como pertencentes ao mesmo núcleo. Apoiando-se nas proposições de Hayden White (1973), Paul Veyne (1971) e Herbert Samuel Lindenberger (1984), a autora defende que as disciplinas “[...] são diferentes, embora tenham os mesmos contextos sociais, culturais e ideológicos, e também as mesmas técnicas formais” (Hutcheon, 1991, p. 148) e justamente por isso acreditamos que a metaficção historiográfica seja uma boa ferramenta de análise para entendermos a ideia de crise do tempo. Isso porque questões que perpassam diferentes aspectos sociais, como a nossa relação com o tempo, necessitam da interdisciplinaridade para criar uma estrutura explicativa tão complexa quanto o objeto que nos propomos a trabalhar.

Isto é, tanto a história como a ficção são profundamente interpeladas pelo contexto em que estão inseridas, e não somente em relação ao elemento narrado, mas principalmente ao narrador, porque todo texto reflete a essência daquele que o escreveu. Diferente de uma descrição de algo palpável, a historiografia e a literatura antes de serem sobre algo são a partir da análise de alguém sobre algo, isto é, estão permeadas de subjetividade muito antes de

sequer existirem. Pensar uma análise a partir de um romance é entender que seu autor o pensou a partir de seu local social, que de alguma maneira, sempre estará coadunando com suas histórias, mesmo sendo fictícias.

Assim como na historiografia, os objetos passam por reapropriações ao longo do tempo. e mesmos documentos são lidos de formas diferentes ao longo dos séculos. a ficção e a história se diferenciam drasticamente em certos pontos, mas há algo que possibilita sua união neste trabalho: ambos os textos são espelhos de experiências humanas em um contexto específico produzindo sentido dentro de uma narrativa.

Como Hutcheon afirma, “[...] a metaficção historiográfica se aproveita das verdades e das mentiras do registro histórico” (1991, p. 152). O aspecto da verossimilhança, não está inerente a nenhuma das respostas que possuem relevância. O que está sendo interrogado deixa de ser se aquilo realmente aconteceu ou não, e passa a ser isso está sendo dito por quê? Por que Samanta Schweblin, uma mulher latino americana que mora na Alemanha atualmente está escrevendo sobre um tipo de robô em formato de bicho de pelúcia, que apesar de ser tratado como animal doméstico pode ser controlado por um completo desconhecido em qualquer lugar do mundo? E ainda, por que as pessoas leem e se identificam com o romance? O que existe na nossa sociedade que faz com que esse estilo de romance distópico esteja crescendo exponencialmente nos últimos anos? A questão não é se o narrador está falando totalmente a verdade ou retratando um objeto fictício, porque mesmo que algo que esteja sendo ocultado ou alterado, permanece sendo uma ferramenta utilizada para produção de sentido. E mesmo se pensássemos que a história fala sobre verdades e a ficção sobre mentiras, ambas refletem a sociedade que as produz e é isso que nos interessa questionar. Há uma mensagem a ser transmitida e esta diz mais sobre o mensageiro do que seu conteúdo.

No entanto, também percebe que estamos epistemologicamente limitados em nossa capacidade de conhecer esse passado, pois somos ao mesmo tempo espectadores e atores no processo histórico. A metaficção historiográfica sugere uma distinção entre "acontecimentos" e "fatos" que é compartilhada por muitos historiadores. Como venho sugerindo, os acontecimentos tomam a forma de fatos por meio de sua relação com "matrizes conceituais em cujo interior precisam ser embutidos se tiverem de ser considerados como fatos" (Munz 1977, 15). Conforme já vimos, a historiografia e a ficção constituem seus objetos de atenção; em outras palavras, elas decidem quais os acontecimentos que se transformarão em fatos (Hutcheon, 1991, p. 161).

Segundo a autora, “o referente é sempre já inserido nos discursos de nossa cultura. Isso não é motivo de desespero, trata-se do o principal vínculo do texto com o ‘mundo’, um vínculo que reconhece sua identidade como construto, e não o simulacro de um exterior ‘real’” (Hutcheon, 1991, p. 158). Em outras palavras, quando estudamos um documento é

preciso ter em mente que ele é o resultado daquilo que já passou pelo filtro daquele que o escreveu e agora atravessa o filtro daquele que o lê e interpreta. Alguns dos elementos que compõem esse filtro são a linguagem, a memória, o contexto social, político e econômico, etc. Assim, um documento por mais legítimo que seja, ainda tende a ser apenas uma interpretação, o resultado de uma equação que não foi completamente resolvida. Dessa forma, existem dois pilares: a interpretação do escritor e a interpretação do leitor. E se existir fontes imateriais devemos ainda adicionar o pilar interpretativo dos envolvidos, como testemunhas oculares, por exemplo. E somente depois de um longo processo temos como resultado uma narrativa que não imita a realidade, um constructo. E não uma reprodução exata.

Em síntese, o que Hutcheon (1991) propõe é que a interseccionalidade entre História e Ficção pode ser muito proveitosa, pois em toda história pode existir elementos fictícios e em toda ficção pode existir a historicização dos acontecimentos, o que não deslegitima em nada ambos os campos tendo em vista seus caráter de subjetividade. Em relação a Hartog (2003), suas principais discussões giram em torno da monumentalização do presente, de forma tão clara que a noção de patrimônio material perde força para a de patrimônio imaterial, em uma busca insanável pela captura e salvaguarda de momentos. E por fim, Simon (2019) trabalha diversas questões em torno do conceito de um tempo sem precedentes na história, discutindo que o passado não pode explicar esse momento tão inesperado e que o futuro é totalmente imprevisível.

III. CAPÍTULO 2: UMA RUPTURA NO TEMPO

Segundo a neurologia, o cérebro é responsável pela sensibilidade, motricidade, visão, linguagem, memória, raciocínio, emoções, sono e sonhos. Ele é uma das primeiras estruturas a começar seu desenvolvimento no período fetal e continua esse processo até o período da adolescência.⁴ Apenas então o cérebro está completamente formado e pronto para a fase adulta. Logo, podemos perceber que nosso crescimento exige tempo, isto é, nós somos seres naturalmente morosos e precisamos desse tempo para que todas as complexas estruturas que nos compõem possam perfeitamente serem concluídas, e a nossa existência está intrinsecamente conectada a isso, ao tempo.

Em História, procuramos entender as transformações humanas geradas ao longo do tempo e por tempo nos referimos a ideia de coletivo singular que abarca o passado, presente e futuro dentro de uma só esfera (Hartog, 2003), como já conceituamos no capítulo anterior. O futuro e o passado estão em aberto em diferentes escalas, o passado porque seus vestígios se dissolveram em grande parte com o tempo, e o futuro porque simplesmente ainda não foi concretizado. Todavia, existe uma quantidade limitada de elementos que podemos ainda descobrir e construir algo a partir disso, em relação aos séculos anteriores. E sobre as próximas décadas, há uma infinidade de novas possibilidades a serem estabelecidas.

No entanto, nós vivemos no presente. E por isso salientamos mais uma vez, que desse presente não podemos jamais ser deslocados, pois nossa perspectiva é calcada em nosso contexto temporal e espacial é a estrutura que referencia nossa visão em qualquer direção apontada. Como um panóptico que pode observar diversos elementos em diferentes direções, mesmo estando fixo, permanecendo localizado no mesmo ponto. Trabalhar a concepção de coletivo singular, fluindo pela noção de tempo e explicando, principalmente, porquê e como estamos vivendo um processo de fragmentação do mesmo. Ou melhor, uma crise do tempo como afirma Hartog, explicando que: “É conveniente então falar de fim ou de saída dos tempos modernos [...]? Ainda não sabemos. De crise, certamente. É nesse momento e essa experiência contemporânea do tempo que designo presentismo” (Hartog, 2013, p. 40).

É importante salientarmos que François Hartog tem desenvolvido o conceito de presentismo há mais de duas décadas, sendo a primeira versão de seu livro supracitado publicada em 2003, em francês. O que não torna essa concepção ultrapassada, apenas parte de

⁴Disponível em:

<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/254539/M%C3%B3dulo%203%20-%20Desenvolvimento%20do%20Feto.pdf?sequence=8&isAllowed=y>. Acesso em: 14 set. 2025.

um processo histórico que se inicia em meados do século XX, se complexifica na década de 1990, e se apresenta ainda mais explicitamente no presente. Isso porque os eventos históricos passam por diversos processos, não surgindo do absoluto nada, mas sempre imbricados em outros eventos até que se tornem algo totalmente novo e possam ser delimitados separadamente. Dessa forma, se prestarmos bastante atenção na História, veremos como os eventos históricos se relacionam de alguma forma, direta ou indiretamente, estão interligados. Tendo em vista isso, Hartog cria uma “ferramenta heurística”, a concepção de presentismo, justamente para entendermos esse novo momento, que já existia, porém está se exponenciando e gerando novos sintomas que, na verdade, confirmam sua teoria esboçada no início do século.

Sabemos que Hartog (2002) não estava se referindo a exata mesma experiência que Samanta Schweblin (2018) narra em seu livro - nem temporal nem espacialmente - mas a fim de esboçarmos nossa análise com a maior inteligibilidade e clareza possível, iremos apresentar as pontes entre essas, assim como outras discussões, pensando nos aspectos em que se aproximam. Isto é, quando Hartog afirma que: “formulada a partir de nossa contemporaneidade, a hipótese do regime de historicidade deveria permitir o desdobramento de um questionamento historiador sobre nossas **relações com o tempo**” (Hartog, 2013, p. 37, grifo nosso); É justamente sobre essas relações com o tempo, e principalmente uma nova forma de se relacionar com o tempo que Samanta Schweblin debate em seu romance, de forma indireta. Ademais Linda Hutcheon (1988) e Zoltán Boldizsár Simon (2019), como mencionamos no capítulo anterior, da mesma forma, possuem essa percepção, apesar de cada uma de suas respectivas teorias possuírem suas especificidades.

Simon apesar de discordar da hipótese do regime de historicidade, que formula a teoria presentista, concorda com o questionamento sobre nossas relações com o tempo, propondo uma hipótese, como observamos previamente, de estarmos vivendo um tempo sem precedentes na história. Destarte, sua teoria corrobora para além deste questionamento, uma proposição de em um novo período da história, há uma nova forma de se relacionar com o tempo, e vice-versa, pois são questões complementares e que se retroalimentam. Nas palavras do autor:

Eu concordo com Hartog que isso tem menos importância, mas eu não acho que é o regime de historicidade presentista que tem desafiado o conceito moderno de história. O conceito de presentismo parece funcionar como a mesma ferramenta política que o conceito moderno de história afirma superar. E para entender nossa condição moderna, para compreender toda uma sensibilidade histórica como a

emergência de suas esferas tecnológicas e ecológicas, precisamos expandir nossos horizontes significativamente⁵ (Simon, 2019, p. 5-6, tradução livre do inglês).

Linda Hutcheon, sendo uma autora que se dedica à temática da pós-modernidade, possui discussões que se encontram em determinados pontos com esses conceitos, apesar de que a autora possui algumas ressalvas.

Por ser contraditório e atuar dentro dos próprios sistemas que tenta subverter, provavelmente o pós-modernismo não pode ser considerado como um novo paradigma (nem mesmo até certo ponto da acepção kuhniana do termo). Ele não substituiu o humanismo liberal, mesmo que o tenha contestado seriamente. No entanto, pode servir como marco da luta para o surgimento de algo novo (Hutcheon, 1991, p. 21)

De fato, não estamos afirmando que o que Hutcheon (1988) chama de pós-modernismo se caracterize propriamente com o que Hartog (2003) identifica em sua hipótese presentista, ou mesmo com o que Simon (2019) chama de mudança sem precedentes, até porque cada um deles fala de um período diferente, sob prismas específico. O que estamos propondo é que o trio possui uma percepção singular em relação a fato de haver um processo de mudanças, e talvez do local que cada um faz essa discussão esse processo está desnivelado, entretanto os três conseguem distinguir perfeitamente o fato de que: existe algo que está nos influenciando socialmente, isso se relaciona com nossa noção de tempo (passado, presente e futuro) e esse é um movimento novo que está acontecendo ou que está ainda nascendo e irá se complexificar.

2.1 A era digital

Apesar de suas raízes chegarem a década de 1960, a Internet comercial como conhecemos atualmente só surge no Brasil a partir de 1994 - tendo sido utilizada anteriormente apenas sob o domínio universitário no Brasil desde a década de 1989, para fins de pesquisa - com a popularização de redes sociais nos primeiros anos do século XXI (Bernardo Lins, 2013). Anteriormente, a Internet é comercializada nos Estados Unidos desde 1989 como resultado de anos de pesquisa e aprimoramento que foram apresentados e executados em uma importante conferência de tecnologia da informação - *The Interop trade show* - que ocorreu em setembro de 1988. Contudo, as empresas estavam acompanhando com

⁵ Versão original: I agree with Hartog that it is of diminishing significance, but I do not think that what has challenged the modern concept of history is a presentist regime of historicity. The idea of presentism seems to work in the very same political register as the modern concept of history it claims to supersede. In order to understand our recent condition, in order to comprehend an entire historical sensibility in its emergence in the technological and ecological domains, we need to significantly broaden our scope (Simon, 2019, p. 5-6).

proximidade seu desenvolvimento desde o início da década de 1980 (Leiner; Kahn; Postel; Cerf; Kleinrock; Roberts; Clark; Lynch; Wolff, 2003).

Além disso, mesmo as empresas disponibilizando o produto em boa parte do mundo desde a década de 1990, a democratização da internet ocorreu mais posteriormente e de forma gradual. No Brasil, segundo pesquisa divulgada pelo IBGE⁶, em 2005 apenas 20,9% de brasileiros de dez anos ou mais de idade acessaram ao menos uma vez a Internet pelo computador; em 2008, a mesma pesquisa estipulou um aumento para 34,8% das pessoas de mesma faixa etária. A partir disso, esse dado quase duplicou em menos de dez anos passando a ser de 66,1% em 2016⁷; e em última análise, foi publicado pelo mesmo órgão, em 2024⁸, que 89,1% da população brasileira acima de dez anos fez esse acesso.

Durante esse período de consolidação da internet como uma importante rede de comunicação global, vivenciamos enormes transformações sociais, no Brasil e no cenário internacional. As redes sociais como o *YouTube*, criado em 2005 e comprado pela *Google* em 2006, se tornaram “um destino diário quase obrigatório, como para o usuário, que conta sempre com uma ferramenta poderosa para buscar material ou divulgar o seu” (Ferreira; França, 2014, p. 8). À vista disso, aprendemos a utilizar a internet como forma de socialização, entretenimento, fonte de renda, em síntese, uma forma de extensão de praticamente qualquer área de nossas vidas, e dessa forma, tudo que pode ser transferido para o ambiente virtual, foi ou está sendo realocado.

Antes da internet, para se comunicar com alguém era preciso telefonar para a pessoa - no caso dela ter telefone fixo - mandando uma carta, ou indo até a residência falar pessoalmente. Em todas essas ocasiões, era difícil conseguir acessar a pessoa de imediato, mesmo pelo telefone a rede podia estar indisponível ou ocupada por diversos motivos. E a espera de alguns dias para transmissão de informações fazia parte do nosso cotidiano, não seria incomum precisar esperar semanas ou até meses para receber uma carta de um ente querido, dependendo da distância percorrida.

Com os avanços tecnológicos e o advento da internet, surge uma nova forma de nos relacionarmos com o tempo, que Samanta Schweblin (2018) esboça através da figura

⁶ Disponível em:

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/13761-asi-de-2005-para-2008-acesso-a-internet-aumenta-753>. Acesso em: 22 nov. 2025.

⁷ Disponível em:

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/41026-em-2023-87-2-da-s-pessoas-com-10-anos-ou-mais-utilizaram-internet>. Acesso em: 22 nov. 2025.

⁸ Disponível em:

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/44033-pela-primeira-vez-mais-da-metade-da-populacao-acessa-a-internet-pela-tv>. Acesso em: 22 nov. 2025.

distópica de um kentuki, mas que sinaliza, em certa medida, nosso cotidiano de imersão no mundo virtual. Dentro desse ambiente, nossa relação com o tempo é completamente diferente e por isso, passando a habitar em um espaço com um regime totalmente diferente do que estávamos acostumados nos séculos anteriores, estamos nos auto moldando para nos adaptar a uma nova realidade que tem nos atravessado profundamente.

Certamente, esse efeito ocorre com mais ou menos intensidade, a depender de múltiplos fatores, como faixa etária, localidade e contexto socioeconômico. Isso se manifesta porque, tomados pela nostalgia, algumas pessoas, dia após dia, fazem o esforço de permanecer, o mais próximo possível, dos elementos do passado. A esse respeito, alguns autores chegam a mencionar o “direito à obsolescência” (Araujo; Pereira, 2018, p. 56), como um aspecto que deveria ser viabilizado para aqueles que não sentem a necessidade de se atualizar.

Contudo, como um fenômeno que atravessa o imaginário social, a era digital está gerando um processo de adaptação que influencia não apenas dentro de algum endereço eletrônico, mas também, todo o nosso cotidiano mesmo quando nos encontramos *offline* (desconectado). Como afirma a jornalista Cibele Rodella: “A sociedade estabelece uma relação dialética com a internet, permitindo a criação e o desenvolvimento do conteúdo da rede, ao mesmo tempo em que se produzem transformações substanciais na cultura da sociedade” (Rodella, 2005, p. 42).

Isso porque estamos tão acostumados a acessar qualquer pessoa e em qualquer lugar, que a ideia de esperar dias para se comunicar já parece desesperadora. Sentimos uma necessidade de urgência comunicativa tão forte, que todo tipo de informação parece ser digna de ser compartilhada. Até porque, muito rapidamente ela deixará de ser considerada relevante, sendo substituída por outra, e depois outra, e assim sucessivamente, em uma avalanche de informações completamente dispensáveis. Afinal, quando se leva tempo para se comunicar algo, seleciona-se aquilo que mais importa, e quando só precisamos de segundos para isso, tudo e qualquer coisa parece importar no mesmo instante em que ocorre. Ao mesmo tempo, para aquele que consome todas essas informações, parece quase enjoativo saber tanto, sobre quase nada, o tempo todo. Como salienta Hartog: “Gostaríamos de preparar, começando por hoje, o museu de amanhã e reunir os arquivos atuais como se já fosse ontem, visto que estamos presos entre a amnésia e a vontade de não esquecer nada. Para quem, senão para nós antecipadamente?” (Hartog, 2013, p. 238).

Entre um tempo que se passa tão depressa que parece difícil de ser percebido e ao mesmo tempo, tão imediatamente percebido que é difícil ser vivido, o ritmo da era digital se

consolida no seio desse paradoxo, onde se se por um lado a sensação é de imersão em um *looping* (repetição) infinito onde o tempo não passa, por outro, quando despertamos se passaram já horas e horas. Essa perspectiva pode ser facilmente observada em *Kentukis*, principalmente através das histórias de Marvin, Emília, Alina, Grigor e Enzo. Seus enredos fictícios exemplificam de forma levemente aterrorizante, uma face de uma realidade muito próxima da que vivemos em relação a internet, como já ressaltamos. Ao mesmo tempo, o romance é narrado de forma que mescle a glamourização de ser assistido e de assistir a vida de completos desconhecidos, com a vulnerabilidade perigosa que isso pode causar, mostrando a complexidade do momento em que estamos vivendo. Como observamos em um dos enredos, quando a personagem Emília, uma senhora solitária cujo filho que mora em outro país lhe presenteou com um Kentuki, para lhe fazer companhia.

Posso estar louca, mas pelo menos estou atualizada, pensou. Tinha duas vidas, e isso era muito melhor que ter apenas meia vida e coxear aos solavancos. E, afinal, o que tinha de mais passar ridículo em Erfurt, ninguém estava olhando e valia a pena o carinho que ganhava em troca (Schweblin, 2019, p. 41, grifo nosso).

De fato, existe certa magia em estar no mundo virtual, seja porque podemos mostrar apenas a nossa melhor versão, ou ainda, criar uma versão nossa que nem existe. Talvez seja sobre ter mais controle, sobre experimentar algo fantasioso; pela liberdade de saber que todas as outras pessoas podem ser simplesmente deletadas; pela acessibilidade a uma rede de informações quase infinita; pela conexão sem limitações espaciais; pela praticidade de exportar as próprias decisões, pedindo ajuda a uma inteligência artificial ou outras pessoas; pelo salvamento com backup de todas as melhores fotos dos últimos dez anos.

Se nos aprofundarmos ainda mais ainda no nosso cotidiano e pensarmos nas redes sociais com *feed* de notícias e imagens, absolutamente qualquer experiência pode ser salva para a posterioridade, gerando uma ponte instantânea entre o passado e o futuro, que pode aparecer em qualquer presente, redesenhando nossa relação com o tempo. Quase como viajantes no tempo, podemos acessar facilmente aquela festa do ano novo de 2008, ou programar uma carta virtual para ser entregue daqui a cinco anos via e-mail. A vida *online* (conectado) possui um número infinito de possibilidades, que nem sempre podem ser encontradas no mundo físico *offline*. Para o personagem Marvin, não era necessário muitas possibilidades, apenas uma: ver a neve sem ter que se preocupar com nada além disso, como afirma a autora:

Podia comer e dormir em Antígua atendendo de vez em quando seu corpo, enquanto na Noruega os dias passariam tranquilamente, carregando a bateria de base em base,

sem desejar nem um pedaço de chocolate, nem um cobertor para passar a noite. **Não precisar de nada disso para viver tinha algo de super-herói** e se, no fim das contas, conseguisse encontrar a neve, podia viver o resto da vida nela, sem sequer sentir um pingo de frio (Schweblin, 2019, p. 152-153, grifo nosso).

No mundo real, precisamos nos preocupar com nossa saúde constantemente, não apenas uma base de carregador para nos manter vivos; não temos vidas ilimitadas, nem aviso de bateria fraca; não podemos voltar no momento em que nosso pai deu a última risada nem pular para o batizado do nosso filho; não podemos colocar um discurso no modo de fala acelerado, nem pular os assuntos desinteressantes da reunião da empresa. A vida real é feita de desconfortos, e estando compulsoriamente na internet estamos desaprendendo a como lidar com eles. E não sem justificativa, pois acostumados a uma rede globalizada, atingindo quase qualquer pessoa em quase qualquer lugar do mundo, uma atividade que necessita uma espera de horas se torna insuportável. A palavra lentidão se torna totalmente pejorativa, por um lado, quando somos nós que precisamos esperar, exemplificado pelo caso do menino Marvin:

Se depositavam 45 euros em sua conta, grudava nas costas dos kentukis um alarme que podia ser ativado do controlador. Jesper o tirou do gelo apenas sete minutos depois de ativado o alarme, o que confirmava seu slogan de que **o serviço que oferecia era mais rápido que o de uma ambulância**. Marvin transferiu os 45 euros para ter um alarme (Schweblin, 2019, p. 126, grifo nosso).

Rapidez, em oposição à lentidão, é sinônimo de credibilidade quando é o outro que passou por um longo período de espera para ter algum tipo de resultado, exemplificado mais uma vez por Marvin:

Marvin havia dito **“juro perante Deus ficar três horas por dia na frente da escrivaninha, rodeado de livros”**, mas não dissera nada sobre estudar, de modo que não estava quebrando nenhum juramento, e seu pai demoraria meses para descobrir que ele tinha instalado um kentuki no tablet, se é que ele voltaria a ter tempo para descobrir algo novo sobre o filho (Schweblin, 2019, p. 29, grifo nosso).

Então, ao desligarmos nossos aparelhos eletrônicos, temos a tendência a manter o mesmo padrão de comportamento, porque acostumados com o hiper controle virtual, a vida fora de uma tela simplesmente parece ser hipossuficiente. Muito lenta, muito coletiva, muito cara, muito difícil, muito desinteressante, muito barulhenta, muito desinformada, muito pequena, muito vazia, muito sem sentido. Como afirma Pereira e Araújo: “Assim quando nos surpreendemos ao tentar avançar um vídeo de uma transmissão ao vivo e ficamos extremamente frustrados ao perceber que o futuro para o qual queremos avançar ainda não existe, não está disponível em nosso presente” (Pereira, M.; Araújo, V., 2018, p. 189).

Outro vestígio de que a nossa forma de se relacionar com o tempo mudou e continua em estado de mutação é forma que estamos cada vez mais intolerantes à espera, e não somente em relação ao entretenimento como pontua Pereira e Araújo acima, mas de forma generalizada. A procura por elementos que tragam soluções rápidas está em crescente, seja medicamentos que prometem resultados estéticos em poucas semanas, cursos com carga horária mínima, construções de casas pré-moldadas, aumento do uso de fertilizantes em plantas, etc. E quando não encontramos algo da forma mais rápida possível, nos frustramos profundamente com a espera. Como observamos o conto de Grigor, onde explica o encerramento de uma de suas conexões:

Ele o tinha deixado de lado por mais de dois dias **e sua ama — uma russa rica e impaciente que não teria suportado que a ignorassem por tanto tempo** — acabou cortando a conexão. O K1099076, instalado em seu tablet número 3, tinha projetado um alerta vermelho com a última mensagem: “Conexão encerrada”. (Schweblin, 2019, p. 56, grifo nosso).

Essa experiência de aceleração também se reflete na nossa relação com os objetos que têm se tornado obsoletos com muito mais rapidez, tanto por estarem sendo fabricados para durarem menos, tanto por serem inutilizados mais rapidamente. Isso gera um acúmulo enorme de produtos como roupas, sapatos, bolsas, eletrodomésticos que são jogados fora mesmo estando em perfeito estado de conservação simplesmente porque seu tempo de uso expirou, saiu de moda. Grigor observa que com o passar do tempo, o consumo de Kentukis aumenta e cada vez mais se acumulam conexões novas.

Mais de uma vez, quando estabelecia uma conexão nova, encontrava em algum canto um velho kentuki desativado. Não tinha visto nada parecido nas primeiras semanas de trabalho, mas havia começado a ver alguns desses dispositivos já usados e descartados nas novas conexões. Existiam os quebrados, os esmagados, os desbotados. Quase sempre estavam com os olhos fechados. **Talvez os que estavam impecáveis e eram descartados fossem os que mais o preocupavam. O que os tinha levado a se desconectar?** (Schweblin, 2019, p. 132, grifo nosso).

O tempo se passa da mesma forma, a estrutura da sociedade que está em aceleração. Se antes precisávamos buscar as informações, agora elas estão todas disponíveis em um só lugar. Onde era preciso viajar horas para ter contato com um familiar, hoje é possível fazer uma chamada de vídeo a qualquer distância. Isto significa que se a nossa relação com o tempo é transformada pela era digital, nossa relação com os outros - em sociedade - consequentemente também é impactada.

Como observamos a personagem Alina:

O kentuki podia não responder, ou podia mentir. Dizer que era uma colegial filipina e ser um petroleiro iraniano. **Podia, num acaso insólito, ser alguém que ela**

conhecesse e não confessar isso nunca. Em troca, ela devia mostrar sua vida inteira, e de forma transparente, tão disponível quanto estivera para aquele pobre canário de sua adolescência que tinha morrido olhando para ela, pendendo da gaiola no centro do quarto (Schweblin, 2019, p. 26-27, grifo nosso).

Uma boa forma de percebermos isso, é observando as crianças que já nasceram em meio ao mundo virtual. A geração *alpha* (primeira) como hoje é chamada, consegue esboçar ainda mais esse sentimento de aceleração e imediatismo que nós adultos sentimos. Dentro do romance, temos o personagem Marvin, que é o mais jovem provavelmente, ainda estando no colégio e passando todo o tempo depois que chega da escola brincando com seu pequeno robô, que está desbravando uma cidade na Noruega através dele. Gasta horas em seu tablet, em detrimento da sua vida e das tarefas que deveria estar cumprindo, como estudar para melhorar suas notas. Mas para Marvin nada disso importava, porque:

Podia comer e dormir em Antígua atendendo de vez em quando seu corpo, enquanto na Noruega os dias passariam tranquilamente, carregando a bateria de base em base, sem desejar nem um pedaço de chocolate, nem um cobertor para passar a noite. Não precisar de nada disso para viver tinha algo de super-herói e se, no fim das contas, conseguisse encontrar a neve, podia viver o resto da vida nela, sem sequer sentir um pingão de frio (Schweblin, 2021, p. 151-152).

2.2 O futuro em Kentukis

Zoltán Boldizsár Simon afirma que: “de qualquer forma, a distopia pós-histórica introduz uma desorientação futura distinta que se esforça em prevenir que o pior futuro possível aconteça”⁹ (Simon, 2019, p. 97). Acreditamos que *Kentukis* se aproxime bastante dessa definição do autor de uma “distopia pós-histórica”, pois a narrativa desarticulada, de fato caminha para uma ideia de “desorientação do futuro” com esse sentido de alerta para os leitores. Entretanto, o romance é mais que a maximização do caos presente em um futuro distópico, mais que um alerta do que pode ocorrer: é um diagnóstico. Uma metáfora a partir dessa perspectiva de transformações na nossa relação com o tempo e enquanto sociedade; uma lupa onde podemos perceber as alterações na forma como concebemos nossa posteridade, manifestada na figura do robô que é “um cruzamento de bicho de pelúcia articulado com um celular” (Schweblin, 2019, p. 25).

Pensando nisso, se perguntarmos para Enzo se o futuro precisa ser salvo, a resposta é sim. O que o futuro lhe aguarda é a exposição perigosa de seu filho a um possível pedófilo, enquanto ele brigava para manter o que considerava já um amigo e ajudante por perto, sem

⁹ Versão original: “If anything, posthistorical dystopia introduces a distinct future disorientation that aims at preventing the taking place of the worst future” (Simon, 2019, p. 97).

nem imaginar que as preocupações de sua ex-esposa com a segurança e privacidade da criança estavam bem longe de ser fruto de meras paranoias. Mas isso, ele só foi perceber quando esse anônimo ligou para sua antiga casa procurando pela criança.

Para Alina, uma sessão de humilhação pública por parte de seu companheiro artista, o motivo dela se mudar para uma nova cidade sem sua família, que estava usando a câmera de seu Kentuki para registrar imagens dela sem ela saber e então utilizá-las em sua exposição para todo mundo ver sua intimidade, obviamente sem seu consentimento.

Para Marvin reserva a dor de ter perdido semanas procrastinando seus estudos, gastando as economias que sobraram de sua finada mãe, para no fim depois de um longa trajetória carregando seu pequeno urso de pelúcia/robô perder o contato com seu pequeno robô antes de chegar ao seu destino congelante, por ter sido pego por duas crianças e colocado na traseira de uma caminhonete que deixou ele cair, se espatifando no chão imediatamente.

No caso de Emília, a única personagem que é um Kentuki ao mesmo tempo que tem um Kentuki, acaba desenvolvendo um crush platônico pelo namorado de sua “ama” e depois de tentar se comunicar diretamente com ele, acaba perdendo o controle da situação que acaba se trollando um momento terrivelmente constrangedor de exposição da sua intimidade, uma foto dela desprevenida, apenas com roupas de baixo, tirada por sua Kentuki, e ainda, dentro de sua própria casa, é enviada para esses dois desconhecidos conhecidos, que ela tem acompanhado nos últimos meses.

Para Grigor, ocorre o choque daquilo que era para ser uma forma de complementar a renda de sua família, ou mesmo sustentá-la em um momento de desemprego, se tornar no único acesso disponível para uma menina em cativo, talvez até fruto de tráfico humano. A partir disso, podemos concluir que, pelo menos para Schweblin, o futuro tende a nos oferecer surpresas desconfortáveis e até mesmo assustadoras. A autora não está sozinha: Hartog, a partir de sua hipótese presentista trabalhada ao longo dessas páginas, considera que tudo que temos é o presente momento, pois se há um futuro adiante de nós, não conseguimos nem projetá-lo ainda, tamanha é a dimensão desse momento que ocupa todo nosso horizonte de expectativas, em uma perspectiva koselleckiana, não permitindo que haja espaço para nada além disso. Ou melhor, nas palavras do próprio:

O século XX foi aquele que mais invocou o futuro, mais construiu e massacrou em seu nome, levou mais longe a produção de uma história escrita do ponto de vista do futuro, conforme os postulados do regime moderno de historicidade. No entanto, também foi aquele que, sobretudo nos seus últimos trinta anos, deu a maior extensão à categoria do presente: **um presente maciço, onipresente, invasivo, que não tem nenhum horizonte a não ser o próprio**, fabricando cotidianamente o passado e o futuro de que necessita, dia após dia. Um presente já passado antes mesmo de ter

ocorrido completamente. Mas, desde o final dos anos 1960, esse presente se encontra inquieto, em busca de raízes, obcecado por memória (Hartog, 2013, p. 238).

Ademais Linda Hutcheon (1991, p. 126), quando explica sobre o conceito do pós-modernismo histórico em sua obra, aborda a ideia de que:

São as aplicações explicativas e narrativas que a historiografia dá aos acontecimentos passados que constroem aquilo que consideramos como fatos históricos. Esse é o contexto em que a compreensão histórica pós-moderna se situa **fora das associações de progresso ou desenvolvimento iluministas, do processo idealista hegeliano da história do mundo, ou de noções marxistas essencializadas a respeito da história** (Hutcheon, 1991, p. 126, grifo nosso).

À vista disso, quando a autora admite que a compreensão histórica pós-moderna se localiza externamente as associações de progresso, remetendo a uma crise das metanarrativas - que são essas teorias que tendem a explicar o mundo de forma unificada, como forma de trazer sentido ao futuro dos tempos contemporâneos, como a escatologia cristã, que entende o fim do mundo está associado a volta de Cristo (Bíblia, Mateus 24:3, p. 692), e o marxismo que associa o fim dos tempos a superação do sistema capitalista (Marx; Engels, 1997) - ela nos remete a crise da visão de futuro como uma simples sequência linear do nosso processo.

Essas visões de um porvir irremediável, ou no mínimo menos linearmente idealizado, podem ser observadas nas discussões de Schweblin (2018), Hutcheon (1988) e Hartog (2003), elas não são aceitas sem ressalvas. Como observamos no capítulo anterior, Simon possui um pensamento diferente nesse aspecto, para o autor: “[...] apesar da maioria dessas tentativas, eu não acho que o futuro precisa ser salvo”¹⁰ (Simon, 2019, p. 80). Esse é um dos principais motivos do autor criticar a hipótese presentista, não porque o autor acredite que o futuro será necessariamente bom mas porque ele acredita que o fato de Hartog criar uma ferramenta com uma perspectiva intrinsecamente pessimista em relação ao amanhã, mostra que ele está simplesmente historicizando um passado que já não pode explicar nosso presente tão profundamente único, e menos ainda nosso futuro sem precedentes, como ele denomina.

Dentro dos debates promovidos por Simon, o futuro será tão surpreendentemente novo que não há nada no nosso hoje que pode sequer imaginar como ele será, e por isso está tão aberto para ser maravilhoso, cheio de tecnologias revolucionárias e progressistas, quanto está para ser terrível como um aumento da temperatura global que atinge níveis insuportáveis, gerando queimadas por todo mundo e dificultando a existência humana no planeta. Ou ainda, aberto para algo que não se assemelha a nenhum desses dois prismas, simplesmente porque

¹⁰ Versão original: “[...] unlike most of these efforts, I do not think that the future needs to be saved” (Simon, 2019, p. 80).

será tão sem precedentes que não existe ainda uma forma de nós concebemos ele em palavras para poder explicá-las no presente trabalho. Isto é, “A partir dessas considerações, a discussão que faço é que as sociedades ocidentais não são presentistas mas estão vivendo um momento sem precedentes, o que significa que tanto as relações entre o passado e presente, quanto entre o presente e o futuro estão gradualmente sendo concebidas em termos de uma mudança sem precedentes”¹¹ (Simon, 2019, p. 7).

Diante do exposto, podemos concluir que para pensarmos na nossa relação com o tempo na contemporaneidade - pelo menos enquanto sociedade ocidentais - é importante entendermos o quão atravessados estamos pelos avanços tecnológicos desde a última década do século XX. Contudo existem diversos outros fatores - por exemplo as questões ambientais relacionadas ao antropoceno - que não foi possível serem explorados nesse trabalho, mas que também influenciam a forma como idealizamos o amanhã.

¹¹ Versão original: “All in all, the claim I wish to argue for is that Western societies are not presentist but are living in times of unprecedented change, meaning that present relations to both the past and the future are increasingly conceived of in terms of such unprecedented changes” (Simon, 2019, p. 7).

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho teve o objetivo de abordar as discussões em relação a nossa forma de lidar com o tempo, e em consequência disso, nossas visões de futuro. Como objeto, optamos por trabalhar um romance de ficção científica para dimensionar através da metaficção historiográfica (Hutcheon, 1988) a nossa própria realidade. Porque como a própria autora menciona em sua obra, tanto a verdade quanto a mentira podem ser aproveitadas quando analisamos os humanos no tempo. Afinal, quem constrói uma narrativa também está inserido em algum tempo e espaço.

Ao longo do primeiro capítulo, buscamos apresentar nosso referencial teórico, pontuando seus pontos de conexão e distanciamento, ressaltando a importância da nossa pesquisa, assim como sua construção, que se deu a partir de diferentes autores, cujas teorias se complementam justamente por seu caráter heterogêneo. Linda Hutcheon (1988) explica a importância da intersecção entre História e Literatura, François Hartog (2003) debate a importância de pensarmos o tempo como uma continuação, um processo único entre passado, presente e futuro, nos alertando para possíveis ruídos; e Zóltan Simon (2019) apresenta que não há nada no passado que possa explicá-los.

Em seguida, no segundo capítulo discutimos, através do romance de Samanta Schweblin (2018), essa perspectiva dentro do mundo ficcional de Marvin, Emilia, Grigor, Enzo e Alina. Utilizando suas histórias, tentamos mostrar como se aplica esse presente absoluto que Hartog teoriza em um período sem precedentes contextualizado por Simon. Para além das discordâncias que já trabalhamos, existem diversos autores que questionam toda essa perspectiva de uma nova forma de se relacionar com o tempo, especificamente a teoria presentista.

Rodrigo Turin (2023) questiona a teoria de Hartog, problematizando seu caráter generalizador, afirmando nossa multiplicidade cultural enquanto seres humanos. Mauro Franco Neto defende que a teoria presentista de Hartog tende a fazer afirmações um tanto quanto performáticas em relação ao presente momento (Neto, 2024), caminhando na mesma direção da crítica. María Inés Mudrovic (2019), similarmente, discute essas noções em relação à hipótese presentista, concordando com a crítica que aponta as generalizações feitas pelo autor, e adicionando uma nova categoria a problemática: quem é considerado um cidadão do passado e quem é do presente? Lembrando que a forma que trabalhamos com as noções de tempo dentro da linguagem, é o resultado de uma perspectiva eurocêntrica, sendo necessário

levar em consideração que o tempo cultural, ou ainda, os tempos culturais são múltiplos para diferentes tipos de civilizações.

Sobre essas e outras críticas ao regime de historicidade proposto pelo intelectual francês, gostaríamos de salientar que não nos ausentamos de pesquisar essas discussões e as consideramos muito plausíveis e importantes para trazermos à reflexão. Apesar disso, na ausência de uma ferramenta heurística melhor estruturada e mais adequada para a análise trabalhada, optamos por utilizar a teoria entendendo e discutindo a partir de suas limitações. Ademais, sabemos que ao longo desse trabalho geramos mais perguntas, ao invés de responder muitas delas. Entretanto, se pudermos argumentar a respeito, diremos que para responder algumas questões, será preciso esperar o passar do tempo.

REFERÊNCIAS

- ARAUJO, Valdei; PEREIRA, Mateus. *Atualismo 1.0 - Como a ideia de atualização mudou o século XXI*. Mariana, MG: Editora SBTHH, 2018. Disponível em: pdfcoffee.com/atualismo-pdf-free.pdf. Acesso em: 20 jun. 2025.
- BÍBLIA, N.T. *Apocalipse*. In: Bíblia da Liderança Cristã. Tradução: João Ferreira de Almeida. 2º ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.
- BLOCH, Marc. *A apologia da história, ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. 345p.
- CORREIA, F. da C.; DORES, G. S. das. *Entre o ser e o ter: o espaço ficcional na construção do insólito em Kentukis, de Samanta Schweblin*. Cadernos de Pós-Graduação em Letras, v. 23, n. 3, p. 91-105, set./dez. 2023. DOI: 10.5935/cadernosletras.v23n3. p. 91-105.
- FERREIRA, Diego Lima; FRANÇA, Lilian Cristina Monteiro. 3. *A história da Internet e a Popularização do Vídeo*. Cadernos do Tempo Presente, [S. l.], n. 15, 2014. DOI: 10.33662/ctp.v0i15.2808. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/tempo/article/view/2808>. Acesso em: 11 dez. 2025.
- FREITAS, Renata Dal Sasso. *O Romance e a História: do historicismo à história pública*. In: COSTA, Bruno Balbino Aires da; SANTOS, Evandro; VASCONCELOS, Eduardo Henrique Barbosa de. (Organizadores). *Ensaios de teoria da história & história da historiografia*. Teresina: Cancioneiro, 2023. p. 227-242.
- GRUNER, Clóvis (org.); DENIPOTI, Cláudio (org.). *Nas Tramas da Ficção: História, Literatura e Leitura*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.
- GUARDIA, Sara Beatriz. *Literatura e escrita feminina na América Latina*. Anuário de Literatura, Florianópolis, v. 18, p. 15–44, 2013. DOI: 10.5007/2175-7917.2013v18nesp1p15. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2013v18nesp1p15>. Acesso em: 20 jul. 2024.
- HARTOG, François. *Regimes de Historicidade: presentismo e experiência do tempo*. Belo Horizonte: 2013.
- KOSELLECK, Reinhart. *O futuro passado dos tempos modernos*. In: *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos modernos*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2006, p. 21-39.
- LINS, Bernardo Felipe Estellita. *A evolução da Internet: uma perspectiva histórica*. Cadernos ASLEGIS, 48, 2013. Disponível em: https://www.belins.eng.br/ac01/papers/aslegis48_art01_hist_internet.pdf. Acesso em: 24 nov. 2025.

LIPOVETSKY, Gilles. *Os tempos hipermodernos*. trad. Mário Vilela. São Paulo: Editora Barcarolla, 2011.

LYOTARD, Jean-François. *O campo: o saber nas sociedades informatizadas*. In: A condição pós-moderna. 12° ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

MACHADO, Vinicius Ponte. Inteligência artificial. Disponível em:

<https://www.uece.br/cct/wp-content/uploads/sites/28/2021/07/Inteligência-Artificial.pdf>.

Acesso em: 27 nov. 2025.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. Trad. Álvaro Pina. São Paulo: Boitempo Editorial, 1998.

MUDROVICIC, María Inés Mudrovcic. (2019) *The politics of time, the politics of history: who are my contemporaries?*, *Rethinking History*, 23:4, 456-473, DOI:

10.1080/13642529.2019.1677295. Disponível em: *The politics of time, the politics of history: who are my contemporaries?: Rethinking History: Vol 23 , No 4 - Get Access*. Acesso em: 27 set. 2025.

REINALDO; PEREIRA; OLIVEIRA; HENRIQUES. *Pais e seus filhos em sofrimento mental, enfrentamento, compreensão e medo do futuro*. *Ciência & Saúde Coletiva* [online]. 2018, v. 23, n. 7 , pp. 2363-2371. Disponível em:

<https://doi.org/10.1590/1413-81232018237.16332016>. Acesso em: 12 dez. 2025.

RODELLA, Cibele Abdo. *Internet: um novo paradigma de informação e comunicação*.

Comunicação & Educação, v. 10, n. 1, p. 41-48, 2005. Disponível em:

file:///C:/Users/alexc/Downloads/pbarros1,+artigo_nac4.pdf. Acesso em: 12 dez. 2025.

SCHWEBLIN, Samanta. *Kentukis*. Tradução: Livia Deorsola. São Paulo: Fósforo, 2021.

Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/8130392/mod_resource/content/1/Kentukis-Samanta-Schweblin.pdf. Acesso em: 20 abr. 2024.

TORRES, B. *Autoras lideram nova onda de literatura latino-americana marcada pelo insólito e pelo terror*. *O Globo*, 18 maio 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/autoras-lideram-nova-onda-de-literatura-latino-americana-marcada-pelo-insolito-pelo-terror-25019024>.

Acesso em: 15 jul. 2024.

TURIN, Rodrigo. *As (des)classificações do tempo: linguagens teóricas, historiografia e normatividade*. *Topoi* (Rio de Janeiro), v. 17, n. 33, p. 586-601, jul. 2016. DOI:

<https://doi.org/10.1590/2237-101X017033012>. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/topoi/a/X3b9hLHShPtkCcwSq64y85c/?lang=pt#>. Acesso em: 22 jul. 2024.